

KOLBE

A força criativa do amor

Tomás Gálvez Campos

Editado por 

**KOLBE: A FORÇA
CRIATIVA DO AMOR**

TOMÁS GÁLVEZ CAMPOS

Tradução por IA (ChatGPT)
do texto espanhol

INTRODUÇÃO

As palavras do comandante do campo de concentração de Auschwitz caíram como uma marretada sobre os corações horrorizados dos prisioneiros do Bloco 14: «Uma vez que o prisioneiro que fugiu ontem não foi encontrado, dez de vós irão para a morte!». Mas ainda maior foi a comoção quando um deles saiu da fila e, apontando com o dedo para um dos dez condenados, declarou: «Sou um sacerdote católico polaco; já sou velho e quero ocupar o seu lugar, porque ele tem mulher e filhos».

Num lugar como aquele, onde a dignidade humana era espezinhada e os homens se arrastavam como sombras, vencidos pelo ódio, pelo ressentimento, pelo desespero e pela luta pela sobrevivência; onde ninguém dava a ninguém sequer um naco de pão, um homem renunciava à sua vida para que outro pudesse continuar a viver.

Um gesto assim não se improvisa. Quando o padre Maximiliano Kolbe, dos Franciscanos Menores Conventuais, deu aquele passo, já trazia consigo muitos anos de generosa entrega e de fecunda criatividade ao serviço da reconciliação e da paz entre os homens, como instrumento providencial nas mãos de Maria Imaculada. Por ela trabalhou e ofereceu a sua vida, retirando do dogma as necessárias consequências práticas para fazer descer a Virgem do seu pedestal e fazê-la caminhar entre nós como uma mãe no meio dos seus filhos.

A este novo santo franciscano, canonizado recentemente por João Paulo II, não assenta demasiado bem a auréola nem se enquadra bem sobre um altar. É tão recente, tão dos nossos dias, que o seu mundo é o jornalismo, a rádio, a fotografia, o cinema, a bicicleta, o táxi ou a avioneta. Muito temos a aprender com este homem que soube conciliar admiravelmente a fidelidade ao carisma franciscano da pobreza, da minoridade e do apostolado com a fidelidade ao progresso e à modernidade do mundo de hoje.

QUE SERÁ DE MIM?

Quando o padre Maximiliano Kolbe nasceu, a 8 de janeiro de 1894, em Zduńska-Wola, a Polónia não existia como nação. A Áustria, a Rússia e a Alemanha repartiam entre si o seu território.

A sua mãe, Maria Dabrowska, teria preferido ser religiosa, mas os russos tinham proibido todas as ordens e congregações religiosas, na sua tentativa de suprimir os sinais da identidade polaca. Mas teve a felicidade de casar com Júlio Kolbe, homem íntegro e sereno, de profundas convicções religiosas e bom patriota. Ambos eram tecelões. Casaram em 1891 e tiveram cinco filhos, todos rapazes, dos quais sobreviveram três: Francisco, Raimundo (nome de batismo do futuro padre Maximiliano) e José.

A vida dos Kolbe não foi fácil. O trabalho artesanal não podia competir com as máquinas modernas, pelo que se viram obrigados a emigrar. No espaço de nove anos viveram em pelo menos seis lugares diferentes, entre Lodz e Pabianice, até se instalarem definitivamente nesta última cidade, perto de uma importante fábrica.

O pai montou um pequeno negócio e, de vez em quando, cultivava um pedaço de terra arrendado. A mãe trabalhava na fábrica e, nos tempos livres, reforçava a escassa economia familiar trabalhando como parteira. A pobreza não os impedia de conservar dignamente o seu carácter de família católica tradicional. Eles próprios se ocuparam da educação dos filhos, com a ajuda da paróquia, onde Raimundo ajudava como acólito. As escolas não eram obrigatórias, ensinavam em russo e eram demasiado caras para a classe operária. Só em 1904 enviaram Francisco, que já tinha 12 anos, para a escola da fábrica, a fim de fazer os estudos primários, porque queriam que fosse sacerdote. No ano seguinte, o mais novo ocupou o seu lugar, enquanto o mais velho passava para a escola comercial de Pabianice.

A Raimundo coube ficar em casa. Tinha dez anos e era muito vivo e desembaraçado, e um pouco travesso. Enquanto os pais iam trabalhar e os irmãos para a escola, ele limpava a casa e tratava da cozinha.

Como todas as crianças da sua idade, também ele começou a interrogar-se sobre o seu futuro: os irmãos, pelo menos, estudavam; mas ele, que poderia esperar de si próprio? Um dia, a mãe repreendeu-o por qualquer coisa que não fizera bem: «Que vai ser de ti?», disse-lhe. Aquela pergunta magoou-o. A mãe, a princípio, não deu importância ao caso, mas começou a reparar que Raimundo se aproximava frequentemente, sem dar nas vistas, de um pequeno altar que tinham em casa e ali rezava a chorar. Via-se sempre sério e pensativo. Perante um comportamento tão pouco próprio da sua idade e receando que estivesse doente, acabou por obrigá-lo a dizer-lhe o que se passava.

Chorando de emoção, o pequeno respondeu: «Mamã, quando me repreendeste, pedi muito a Nossa Senhora que me dissesse o que viria a ser de mim. Depois, na igreja, voltei a pedir-Lhe. Então apareceu-me Nossa Senhora com duas coroas na mão, uma branca e outra vermelha. Olhava-me com carinho. Perguntou-me se queria aquelas duas coroas. A branca significava que perseveraria na pureza. A vermelha, que viria a ser mártir. Respondi-Lhe que aceitava as duas».

Este segredo, ciosamente guardado durante toda a sua vida e revelado depois da sua morte pela mãe, ilumina a vocação do padre Kolbe. A dupla oferta de Nossa Senhora dava um sentido claro à sua existência, embora isso não lhe resolvesse inteiramente as coisas. Tinha pela frente um longo caminho de amadurecimento e discernimento, não isento de perigos e de possíveis enganos. Só a presença de Maria, que desde então lhe era tão familiar, o animaria a percorrê-lo sem medo.

Entretanto, dois acontecimentos providenciais vieram alterar imediatamente as suas perspectivas de futuro: a generosa oferta do farmacêutico de Pabianice para o preparar para o ingresso na escola comercial e a chegada à cidade de dois religiosos provenientes da zona austríaca.

TODOS FRANCISCANOS

O farmacêutico não se enganou. Com menos de um ano de aulas particulares, Raimundo passou no exame de admissão ao segundo ano do

ensino secundário. Em casa, todos o felicitavam, surpreendidos, e celebravam o acontecimento.

Os dois religiosos vindos do sul pertenciam à Ordem dos Frades Menores Conventuais, cuja província polaca remontava às origens do movimento franciscano e contava apenas com cerca de uma centena de religiosos, distribuídos por onze conventos da Galícia, a única região polaca onde a vida religiosa não tinha sido suprimida.

A Ordem Conventual é um dos ramos em que historicamente se dividiu a família religiosa fundada por São Francisco, em consequência de múltiplas reformas...

A supressão da Ordem Conventual em Espanha, no século XVI, e as supressões napoleónica e italiana, no século XIX, fizeram com que os conventuais não chegassem a atingir o número de 1500 no início do século. No entanto, davam mostras de grande vitalidade e de uma recuperação prodigiosa, chegando a ultrapassar os 3000 nos anos trinta. Boa prova disso era a restauração da Ordem em alguns países, como a Inglaterra e a Espanha (Granollers, 1905), a nova expansão missionária e a abertura de seminários, entre eles o Colégio Seráfico Internacional (*Seraphicum*), com Faculdade de Teologia.

Os conventuais polacos tinham acabado também de abrir um seminário em Leópolis, na Ucrânia. Os Kolbe, em contacto com aqueles dois religiosos, decidiram enviar para lá os filhos mais velhos. No final do verão de 1907, Francisco e Raimundo atravessaram com o pai, clandestinamente e disfarçados de camponeses, a fronteira russo-austriaca, para entrarem no seminário. No ano seguinte, a mãe faria o mesmo com José, o mais novo dos filhos.

Uma vez livres das preocupações familiares, Maria Dabrowska e Júlio Kolbe fizeram, de comum acordo, voto de castidade e decidiram consagrar-se também eles à vida religiosa: ele, junto dos conventuais de Cracóvia, na qualidade de terciário franciscano, e ela, como oblata num mosteiro beneditino de Leópolis, perto dos filhos. O pai, quando começou a guerra de 1914, alistou-se no movimento de libertação polaco e morreu na frente. A mãe, não tendo podido entrar num convento de Assis, como desejava,

passou, em 1913, para as Terciárias Franciscanas Felicianas de Cracóvia e permaneceu com elas até à sua morte, em 1945.

A TENTAÇÃO DAS ARMAS

Uma pequena crise esteve quase a levar Raimundo a abandonar o seminário, por causa de uma escolha que não se apresentava fácil.

Por um lado, estava aquele espírito franciscano que lhe era tão familiar. Em Pabianice, disse a um amigo que se sentia tão feliz como São Francisco se tinha sentido e que gostaria de poder falar com os pássaros como ele. Amava a natureza e gostava de a observar. A sua maior paixão era plantar árvores e vê-las crescer, embora a sua admiração se estendesse também aos progressos da ciência e da técnica. Chegou mesmo a conceber um aparelho capaz de viajar pelo espaço, a que chamou «eteroplano».

Mas, por outro lado, também pesava bastante o espírito polaco e nacionalista da sua família. Um dia, diante do altar da Imaculada no seminário, prometeu lutar por Ela. Ao que parece, foi durante uma pregação sobre Nossa Senhora que se deu conta de que a Imaculada o chamava para «ser seu cavaleiro e defender a sua honra». A princípio, como ele próprio confessa, imaginava uma luta com armas verdadeiras; mas até nisso é de admirar aquele espírito cavaleiresco que levou Francisco de Assis a procurar a glória nos campos de batalha antes da sua conversão. Os cavaleiros medievais combatiam pela fé e em defesa dos pobres e oprimidos.

A conversão de São Francisco consistiu em passar da luta armada à evangelização por meios pacíficos. Mas Raimundo ainda não tinha escutado aquela voz misteriosa de Espoleto que disse a Francisco: «Para onde pretendes ir?... Volta para Assis e ali te será dito o que deves fazer; porque é necessário interpretar a visão de outro modo». Porque a verdade é que Raimundo não conseguia esquecer aquela visão de Nossa Senhora na sua paróquia de Pabianice, embora a pouca experiência dos seus dezasseis anos não lhe permitisse distinguir entre dar a vida por Nossa Senhora e morrer a combater pela Polónia, da qual Ela era Rainha.

Poderia ter sido um bom militar. Tinha qualidades de estratega. Desenhava para os companheiros a maneira de fortificar Leópolis, tornando-a inexpugnável. O ambiente também deve ter exercido influência sobre ele. Aquela cidade era, juntamente com Cracóvia, o centro da resistência polaca, e ali se formavam os quadros dirigentes da futura Polónia independente, nascida das ruínas da Primeira Guerra Mundial.

Um dia antes de começar o noviciado, a 3 de setembro de 1910, Raimundo — que tinha convencido o irmão Francisco — já estava decidido a alistar-se no exército. Iam comunicar a sua decisão ao ministro provincial quando tocou a campainha da portaria: era Maria Dabrowska, que vinha, como habitualmente, visitar os filhos. Com ela se desvaneceram todos os projetos. No dia seguinte, ambos receberam o hábito negro conventual. Terminado o ano de noviciado, professaram a Regra de São Francisco e as Constituições da Ordem nas mãos do provincial. Seguindo uma antiga tradição, Raimundo mudou o seu nome de batismo para frei Maximiliano, nome de imperadores, mas também o de um bispo bávaro martirizado durante as perseguições romanas. Todo um presságio. Nunca mais voltou a ter dúvidas sobre a sua vocação. Teve-as, porém, o irmão Francisco, que abandonou a Ordem quando rebentou a guerra e se alistou no exército, seguindo o exemplo do pai. Escrevendo sobre isto à mãe, frei Maximiliano recordava: «A Providência, na sua infinita misericórdia, por meio da Imaculada, enviou-te até nós naquele momento crítico. Já passaram nove anos desde aquele dia... e penso nisso com temor e gratidão para com a Imaculada. Que seria de nós se não nos sustentasse com a sua mão?».

OS SINAIS DOS TEMPOS

A 30 de outubro de 1912, chegava à estação «Termini», em Roma, o jovem Maximiliano. Tinha apenas 18 anos e, diante dos seus olhos, abria-se um mundo novo. A Roma que aparece nas cartas escritas à mãe é a das gloriosas ruínas imperiais, do sangue dos antigos mártires, das celebrações barrocas nas mais de 300 igrejas da cidade, das multitudinárias audiências do Papa em São Pedro, da multidão de línguas e raças... Mas a verdade é que frei Maximiliano Kolbe, ao mesmo tempo que se vai formando intelectualmente na Universidade Gregoriana e espiritualmente no Colégio Seráfico, não deixa de observar atentamente os sinais dos tempos. E

descobre que o liberalismo ideológico, político e económico também impera livremente em Roma, ostentando — aqui mais do que em qualquer outro lugar — um anticlericalismo desafiante.

É sabido que, desde o século XIX, a ideologia liberal entrou em confronto direto com a Igreja, quer no plano doutrinal, quer porque, na prática, lesava os seus direitos. Em maior ou menor medida, houve em toda a Europa disposições anticlericais por parte dos seus governos liberais, que caminhavam sistematicamente para a secularização total do Estado, reduzindo o religioso ao âmbito puramente individual e privado.

Por outro lado, as modernas correntes liberais de pensamento, racionalistas e materialistas, tinham um denominador comum: o ateísmo ou a indiferença religiosa, quando não combatiam a religião por a considerarem prejudicial ao progresso. A consequência era o abandono da fé por grandes massas da população. A Igreja, desacreditada e enormemente dificultada no seu ministério, pouco podia fazer.

No entanto, a Igreja, com os papas à frente (Pio IX, Leão XIII e Pio X), depois do choque inicial, saiu mais purificada e fortalecida, dando provas de grande vitalidade. Era um desafio que tinha de ser enfrentado com coragem. Os crentes não podiam ficar à margem do processo histórico. Assim surgiram, neste período, numerosas formas de vida religiosa mais de acordo com os tempos, ao mesmo tempo que se renovavam as antigas. Apareceram também novas formas de apostolado através do ensino, de centros sociais, de associações de leigos e até no campo das comunicações, com o aparecimento de numerosas publicações católicas. Apesar da precariedade das circunstâncias, estavam a lançar-se os primeiros alicerces para o futuro Concílio Vaticano II, iniciador de um novo conceito de Igreja e de uma nova forma de estar no mundo.

Kolbe observava tudo isto não com o olhar de um sociólogo ou de um político; nem sequer como um intelectual, embora sempre se tivesse sentido atraído pelos homens da cultura. O seu olhar é o olhar penetrante e compassivo do crente que vai para além das aparências e se detém onde o bem e o mal têm a sua raiz mais profunda, no coração dos seus contemporâneos, envenenado pelas paixões e pelo ódio e pelo permanente clima de guerra e revolução.

O ano de 1917 foi especialmente decisivo para o nosso atormentado século. A guerra iniciada em 1914 parecia não ter fim e os mortos contavam-se aos milhões. Na Rússia triunfava a revolução bolchevique e implantava-se o primeiro regime comunista da história. Os maçons celebravam triunfalmente o segundo centenário da sua fundação, e os protestantes o quarto.

Frei Maximiliano tinha 23 anos e ainda não era sacerdote, mas o sangue fervia-lhe por dentro perante tanta provocação, especialmente da maçonaria, que se manifestava arrogantemente mesmo por baixo das janelas do Papa. O seu espírito franciscano e apostólico impelia-o à ação. De bom grado teria ido à Loja de Roma evangelizar o Grão-Mestre de Itália, como um novo São Francisco a caminho do Sultão do Egito. Mas dava-se conta de que nada poderia fazer sozinho. Era necessário organizarem-se — como faziam os adversários — para conseguirem resultados eficazes. Por isso, quando em Itália já se estava a formar a Ação Católica dos leigos, Maximiliano Kolbe idealizou e fundou a Milícia da Imaculada.

UM MOVIMENTO RENOVADOR E DE LIBERTAÇÃO

«A Milícia da Imaculada nasceu nas férias de verão de 1917. A princípio não existia um programa determinado. Unia-nos apenas um desejo mais ou menos expresso de nos consagrarmos totalmente à Imaculada como instrumentos nas suas mãos puríssimas para salvar e santificar as almas». Com estas palavras simples, o padre Kolbe explica-nos a origem da sua Milícia (M.I.). A fundação teve lugar na noite de 16 de outubro. Foi a primeira reunião, à qual assistiram frei Maximiliano e outros seis companheiros de seminário. Realizou-se em segredo, ao estilo das lojas maçónicas, mas com autorização dos superiores. O fundador apresentou aos outros um projeto de programa, que mal ocupava meia página, para ser discutido ponto por ponto e depois submetido a votação. A reunião terminou na capela com a imposição da «medalha milagrosa», que seria a insígnia dos novos «cavaleiros da Imaculada».

Ordens de cavalaria e Milícias de inspiração houve muitas, e a ordem franciscana não foi alheia a algumas delas. É de todos conhecida a devoção

que os franciscanos sempre professaram a Maria, começando pelo próprio São Francisco de Assis. Os Menores, fiéis a esse espírito mariano, estiveram sempre na primeira linha da defesa do dogma da Imaculada Conceição de Maria, proclamado solenemente a 8 de dezembro de 1854.

O padre Kolbe — que lamentava que, no seu tempo, se escrevesse pouco sobre Nossa Senhora, com indecisão e de modo demasiado teórico, sem se extraírem as necessárias consequências práticas do dogma —, ao fundar a M.I., queria, acima de tudo, renovar aquela inesgotável fonte mariana, «filão de ouro da nossa ordem e princípio de renovação para a nossa sociedade corrompida».

A Milícia da Imaculada não é uma organização de tipo piedoso-devocional, como alguém poderia pensar. A sua finalidade liga-se diretamente às raízes do movimento franciscano, que nasceu no século XIII como instrumento de apostolado e de conversão. O padre Kolbe sabia-o. Por isso afirma que a ordem dos conventuais, pela mão da Imaculada — que em Lourdes pede conversão e penitência —, estava a entrar na segunda etapa da sua história.

Os objetivos da M.I. encontram-se bem refletidos nos seus estatutos fundacionais: «Trabalhar pela conversão... e pela santificação de todos sob o patrocínio de Maria Imaculada». Apesar das expressões de tipo militar ou cavalleiresco, tão próprias da época, não se trata de modo algum de fazer guerra aos inimigos da Igreja. Pelo contrário: aquilo que se pretende combater, por todos os meios legítimos, é o mal que os escraviza e os torna infelizes. Por isso, a M.I. pode considerar-se um movimento de renovação e libertação integral da pessoa e da sociedade.

Maximiliano Kolbe foi durante toda a sua vida um homem respeitador e dialogante. Mas, porque acreditava no poder persuasivo do amor que lhe ardia por dentro, nunca teve medo de prejudicar ninguém quando, com o maior respeito, procurava reconduzi-lo à fé. Os seus sentimentos eram os mesmos que Jesus teve para com aquelas multidões famintas de Deus que O seguiam como ovelhas sem pastor. Como Francisco de Assis, queria ser instrumento de paz e de reconciliação entre os homens do seu tempo. Para o conseguir, estava disposto a dar a vida, se fosse necessário.

São muitos os santos que se distinguiram pela sua compaixão perante todas as misérias humanas: pobreza, fome, doença, marginalização, incultura, exploração. Maximiliano Kolbe é o santo que descobriu a maior e mais dolorosa das misérias do nosso século nessa chaga da incredulidade que é origem de todas as desgraças. Por este motivo, o programa da Milícia não podia ser outro senão o da conversão como primeiro passo para uma autêntica pacificação do mundo e para a reconciliação entre os homens.

UM SINAL DE ESPERANÇA

«A ocasião que determinou a fundação (da M.I.) foram as iniciativas cada vez mais provocatórias da maçonaria e dos demais inimigos da Igreja no próprio centro do cristianismo». Assim o recorda o padre Kolbe, a quem impressionou especialmente aquele estandarte que presidia às suas manifestações, representando Satanás a esmagar debaixo dos pés o arcanjo São Miguel. Aquela imagem trazia-lhe necessariamente à mente a da misteriosa mulher do livro do Génesis, em inimizade com a serpente. Da contemplação deste mistério vinha-lhe a certeza e a confiança sem limites na vitória final: «Existe muito mal no mundo — escreve —, mas recordemos que a Imaculada é mais forte e esmagará a cabeça da serpente infernal».

Apesar do panorama sombrio que o rodeava, não podia ser pessimista, porque ele, acima de tudo, é testemunha de um sinal de esperança: a presença amorosa e forte de Maria, mãe de Jesus Cristo, da Igreja e de todos os homens. Ela, por um misterioso desígnio de Deus, assumiu no nosso tempo um protagonismo que não deveria scandalizar nem surpreender. Que pode haver de estranho se, no século do materialismo, da rebelião contra Deus e da negação da sua própria existência, Ele quis apresentar-nos Maria como mulher crente, nova Eva, modelo de entrega total e de docilidade aos planos de Deus? Também não nos deve surpreender que, numa época como a nossa, submetida a profundas transformações não isentas de grandes sofrimentos, em que nem tudo foi progresso e o homem se vê submetido com excessiva frequência às mais humilhantes vexações, Deus tenha querido dar-nos o consolo de uma Mãe que sabe compadecer-se e permanecer firme ao pé da cruz dos seus filhos.

Por tudo isto, Maria aparece como sinal indiscutível da vitória do seu Filho sobre a cruz e da sua presença libertadora entre nós. Assim o via o padre Kolbe e daí soube tirar as correspondentes consequências práticas. Ele próprio, encarnando Maria na sua vida, tornou-se para nós um sinal de esperança, de submissão sem reservas à vontade de Deus e de amor compassivo para com todos os homens.

IMITAR JESUS

A origem da medalha milagrosa remonta ao ano de 1830 e reproduz o modelo que a Imaculada mostrou à noviça irmã Catarina Labouré, em Paris, ao mesmo tempo que prometia grandes favores àqueles que a usassem. O padre Kolbe, convencido de que se tratava de uma arma poderosa para a conversão dos homens, adotou-a como insígnia e também como munição ou balas da Imaculada. Mas recomendava-a igualmente pelo seu conteúdo simbólico: nela aparecem os corações de Jesus e de Maria debaixo de uma cruz sobre a letra M. Este pormenor convida-nos a perguntar qual o lugar que Cristo ocupou na sua vida, tendo em conta a singular importância que concede a Maria.

É sobejamente conhecido o transparente cristocentrismo de São Francisco de Assis e, em geral, dos franciscanos, em sintonia com as orientações do Vaticano II. Daí advém à Ordem uma das principais razões da sua atualidade. Ora, nesta perspetiva, que podemos dizer do padre Kolbe?

Não são poucos os preconceitos que existem hoje quando se trata de falar de Maria. Receia-se fazer sombra ao seu Filho Jesus Cristo, o único Senhor, Salvador e Mediador entre os homens e Deus, centro do universo e Princípio e Fim de todas as coisas. Certamente, a figura de Maria, retirada do seu contexto, não tem qualquer sentido, mas cabe perguntar se é este o caso do padre Kolbe, para quem Maria aparece sempre em total referência e dependência de Deus. Ela é a escrava, serva, filha, coisa e propriedade de Deus; Esposa do Espírito Santo e Mãe de Jesus Cristo; por isso lhe pareciam infundados tantos receios: «Quão pouco conhecida é ainda, em teoria, a Imaculada; e menos ainda na prática! Quantos preconceitos, incompreensões e dificuldades se agitam nas mentes! Permita a Imaculada

iluminar essas trevas, dissipar essas névoas frias e reavivar e inflamar sem limite algum o amor por Ela, com total liberdade, sem vãos receios que restrinjam ou arrefeçam os corações. Para que não se procure o Rei (Jesus) junto do palácio (Maria), mas dentro do palácio, nos seus aposentos interiores».

Por outro lado, é precisamente a imitação de Jesus Cristo — tão franciscana — que nos deve levar a afastar qualquer receio, «porque — diz o padre Kolbe — nunca poderemos igualar o amor que Jesus professou por Ela (sua Mãe); e a nossa santificação consiste em imitar Jesus». «Olhemos para Jesus — diz também —, o nosso modelo mais perfeito: Ele, que é Deus, a própria santidade, entrega-se à Imaculada sem qualquer reserva, faz-se seu filho, quer que Ela O guie segundo a sua vontade durante trinta anos. Precisamos de um motivo maior? Sigamos o exemplo de Jesus!».

Poder-se-ia ainda perguntar: se Cristo é o centro, que sentido tem uma evangelização como a sua, totalmente consagrada a dar a conhecer e a fazer amar Maria? A isto, ele responde que «é necessário alimentar as almas com a Imaculada para que, o mais depressa possível, se tornem semelhantes a Ela e se transformem n'Ela. Então amarão Jesus com o coração da Imaculada».

Por último, nada há na sua doutrina acerca de Maria que não esteja presente na Mariologia tradicional ou que não tenha sido plenamente confirmado pelo conhecido capítulo oitavo da *Lumen gentium*. O padre Kolbe foi eminentemente pragmático e a sua originalidade reside fundamentalmente em ter sabido captar a importância prática do papel de Maria na vida e na missão da Igreja.

CÍRCULOS MARIANOS

A 29 de julho de 1919, o padre Kolbe regressava à Polónia, depois de sete anos em Roma. A guerra tinha terminado e o seu país era finalmente independente, depois de mais de um século de ocupação estrangeira. Enquanto a Polónia se preparava para empreender a tarefa da sua reconstrução nacional, o padre Maximiliano, ordenado sacerdote a 28 de abril, preparava-se também para começar o seu trabalho no convento de São

Francisco de Cracóvia. Ninguém apostava muito naquele jovem que regressava débil e doente. Alguém julgou estar perante um desses frades teóricos, com pouca garra, que, quando muito, é capaz de escrever um ou outro livro. Mas depressa puderam comprovar o ardor apostólico do recém-chegado.

Algumas aulas no seminário e o ministério sacerdotal ocupavam-lhe grande parte do tempo, mas isso não foi obstáculo para que se dedicasse a promover a Milícia da Imaculada, abençoada naquele mesmo ano por Bento XV e pelo vigário-geral da Ordem.

Não tinha qualquer programa preconcebido e nunca quis tê-lo, como também nunca deu um passo em frente nem tomou decisão alguma sem pedir o parecer e a autorização daqueles que tinham alguma autoridade sobre ele. «De outro modo — dizia —, poderia haver o perigo de fazer alguma coisa por nossa própria vontade e não segundo a vontade da Imaculada. Esta santa e amada obediência une-nos, na qualidade de instrumentos, à Imaculada».

Os resultados não se fizeram esperar: imediatamente se formaram os primeiros grupos da M.I. entre os estudantes de filosofia e teologia de Cracóvia e no noviciado de Leópolis. Um grupo de religiosos de Cracóvia elaborou o primeiro estatuto da M.I. para os sacerdotes da Ordem. O padre Kolbe procurava também dirigir e promover o movimento fora da Polónia, em Itália e na Roménia, por meio da correspondência. Os superiores, admirados com o seu espírito de obediência e com o seu evidente carisma, viram com simpatia o movimento desde o princípio e recomendavam-no aos religiosos. Até o provincial se filiou imediatamente na M.I.

O segundo passo foi a promoção entre os leigos. Depressa se formou também o primeiro Círculo Mariano, integrado por pessoas de origens sociais muito diversas, embora o interesse do padre Maximiliano se dirigisse de preferência para as pessoas ligadas à cultura.

Em breve teve a alegria de contar com alguns professores da Universidade de Cracóvia, onde os maçons e outras ideologias levavam a cabo uma intensa atividade de captação. É evidente que a sua intenção era combater o adversário com as suas próprias armas: proselitismo,

propaganda, livros, etc. Em três ou quatro meses, eram já mais de mil os filiados no primeiro grau da M.I. Os três graus de pertença dependiam da intensidade do compromisso: o primeiro atuava a um nível sobretudo pessoal. O segundo estava mais comprometido numa ação social organizada. O terceiro implicava uma entrega total e absoluta à causa.

À medida que se iam criando os diversos Círculos Marianos, os próprios membros redigiam democraticamente os seus estatutos. Os estatutos particulares estavam subordinados a outros gerais, aos quais o padre Kolbe deu forma definitiva no início de 1920, com a colaboração dos responsáveis da M.I. da Polónia, Itália e Roménia.

OS CAMINHOS DO SENHOR

Quase nunca permaneceu mais de três anos no mesmo lugar. No entanto, por onde passava deixava a sua marca. Ele plantava para que outros regassem, com a confiança de que é o Senhor quem faz crescer a semente. Nunca procurou açambarcar tudo nem se tornou imprescindível, porque sabia que não era ele, mas a Imaculada, quem tomava a iniciativa.

Não sabemos desde quando vinha a incubar a doença, mas, um ano depois do seu regresso à Polónia, esteve internado durante quinze meses por causa de uma grave infeção de tuberculose que lhe inutilizou para sempre o pulmão direito e deixou o esquerdo em condições precárias. «O melhor será aquilo que o Senhor dispuser por meio da Imaculada», dirá à mãe a partir do Sanatório Climático de Zakopane, no sul da Polónia.

O superior do convento de Cracóvia tinha-o obrigado a abandonar por completo a direção da Milícia e ele cumpre-o rigorosamente. Mas agora, enquanto exerce as funções de capelão na medida das suas forças, não deixará escapar nenhuma ocasião para evangelizar no sanatório: «A Imaculada permitiu-me aproximar-me dos estudantes universitários internados na casa de saúde “Ajuda Fraterna”. Têm fama de descrentes e, na realidade, são-no. A administração é socialista (assim dizem) e quem sabe que ideias terão na cabeça os seus membros. Agora são eles que me convidam (um pequeno grupo de universitários), e com muita insistência, para tratar com eles questões religiosas. Por isso organizei com eles uma

série de colóquios apologéticos, durante os quais cada um pode tomar livremente a palavra. Passámos da existência de Deus até à divindade de Jesus Cristo. Chegaram mesmo a comprar um Novo Testamento». A iniciativa teve resultados imediatos: «Um universitário confessou-se, um judeu recebeu o batismo, alguns procuram sinceramente a verdade porque se sentem infelizes sem a fé; está iminente uma mudança na administração não crente».

Nem sempre era possível passear ou dialogar com os doentes. A febre obrigava-o frequentemente a repousar. Pensava então na importância da cruz: «A cruz é a escola do amor», escreve a partir do sanatório, ao mesmo tempo que deseja que nunca falte a cruz à Milícia nem aos seus membros, porque «só assim se purificam os desejos, de modo que ninguém nela se inscreva nem nela trabalhe por exibicionismo ou complacência interior, mas unicamente por puro amor».

OS ÓCULOS E O RELÓGIO

Em novembro de 1921 pôde integrar-se novamente na comunidade de Cracóvia, mas não tardou a ter uma recaída. Teve de ser hospitalizado. O seu estado era grave. Uma noite, no meio do delírio da febre, parecia querer dizer alguma coisa. Acompanhava-o o irmão José, agora padre Afonso Kolbe, também destinado a Cracóvia depois da sua ordenação sacerdotal, no verão anterior. Com dificuldade conseguiu interpretar o desejo do padre Maximiliano: queria que colocasse os seus óculos e o relógio aos pés de uma imagem da Virgem que se encontrava na mesa de cabeceira. Mais tarde explicava o sentido daquele gesto: «Não são os óculos o símbolo dos olhos? Pois, colocando-os ali, quero que representem os meus olhos sempre fixos na Imaculada... E o relógio, não significa porventura o tempo? Ao colocá-lo ali, pretendo exprimir a minha firme vontade de consagrar a esta boa Mamã cada instante da minha vida».

Não se pode exprimir melhor a relação entre o padre Kolbe e Maria: Ela pediu-lhe a sua colaboração e ele deu-lha sem reservas, de corpo e alma. Neste mesmo período, entre os seus propósitos para o futuro, tinha escrito: «Quem quer que sejas, tudo o que tenhas ou possas, tudo o que fazes (pensamentos, palavras, ações), pertence-Lhe totalmente. A minha vida

(cada instante), a minha morte (onde, como e quando quer que seja) e a minha eternidade pertencem-Lhe totalmente».

«É impossível — diz Paulo VI — dissociar o nome, a atividade e a missão do beato Kolbe dos de Maria Imaculada». Efetivamente: como separar duas vontades que tendem a identificar-se e a fundir-se numa só? «Quanto mais estivermos n'Ela, mais seremos Ela própria e quase o próprio Deus». Segundo esta afirmação do padre Kolbe, encarnar Maria na própria vida não é incompatível com uma equivalente transformação em Deus, porque, submetendo-se a Ela, submete-se também aos desígnios de Deus, fielmente reproduzidos e expressos n'Ela. Porque a vontade de Maria não é senão «a vontade misericordiosa de Deus e a sua personificação».

Teve sempre consciência de ter sido chamado por Ela: «Dou-me conta de que a Imaculada me escolheu como seu instrumento e atua através de mim». A este propósito, é interessante destacar a relação existente entre a figura e a obra do padre Kolbe e as revelações de Fátima.

Para começar, digamos que ele morreu sem ter tido qualquer notícia dessas aparições. O que aconteceu em Portugal divulgou-se pela Europa sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial. No entanto, existem algumas coincidências interessantes: na Cova da Iria, a Virgem apareceu a três crianças nos dias 13 de cada mês, entre maio e outubro de 1917. A última das aparições ocorreu três dias antes de se fundar em Roma a Milícia da Imaculada. Em Fátima, a Virgem tinha manifestado a sua preocupação pelo crescente afastamento da fé em todo o mundo, principalmente na Europa. Era a mesma preocupação que levou o padre Kolbe à ação. Duas coisas pedia a Virgem como remédio para evitar o desastre: conversão e consagração de todo o mundo ao seu Coração Imaculado. Não era este o objetivo da M.I.? Os seus estatutos indicam como finalidade principal: «procurar a conversão dos pecadores» por todos os meios legítimos necessários e mediante uma «entrega total e espontânea de si mesmos a Maria Imaculada como instrumento nas suas mãos».

Dir-se-ia que o padre Maximiliano Kolbe, ao fundar a M.I. naquela noite de 16 de outubro de 1917, ficava assim constituído pela Imaculada como braço executor dos seus planos de salvação de Deus e sua personificação».

UMA REVISTA

Em janeiro de 1922, saía à rua um grupo de jovens franciscanos conventuais do seminário de Cracóvia com o primeiro número do *Rycerz Niepokalanej* (*O Cavaleiro da Imaculada*) debaixo do braço. As pessoas ficaram surpreendidas. Não era normal encontrar um frade a vender revistas na rua. Em contrapartida, era frequente ver membros de diferentes seitas religiosas a propagarem as suas doutrinas, até mesmo com publicações gratuitas, numa época em que a inflação era galopante e o recurso à imprensa se tornava proibitivo, se não se dispusesse do apoio de um bom capital.

A ideia da revista foi-se concretizando no outono de 1921, depois do regresso do sanatório, embora já andasse na cabeça do padre Kolbe desde que era estudante em Roma. O primeiro número saiu como órgão de comunicação para os membros da M.I., mas também como meio de evangelização e de diálogo. O seu editorial deixava bem claro que não se pretendia apenas fortalecer e orientar a fé dos crentes, mas também: «comprometer-se na obra de conversão dos não católicos... O tom da revista — acrescenta-se — será amistoso para com todos, sem ter em conta as diferenças de fé ou de nacionalidade. A sua nota característica será o amor, aquele amor que Cristo nos ensinou».

A revista devia autofinanciar-se. Esta foi a condição imposta pelo provincial antes de aprovar a sua publicação. Mas isso não parecia constituir dificuldade para este homem de fé robusta e de uma confiança sem limites na Imaculada. É claro que os santos também têm as suas fraquezas. Querendo imitar São Francisco, decidiu ir pedir esmola para pagar a primeira edição, que saiu sem capa por falta de meios. Mas deixemos que seja ele próprio a contar-nos o que aconteceu:

«Entrei numa papelaria para pedir esmola para o *Rycerz*; mas, morto de vergonha, acabei por comprar a primeira coisa que me ocorreu, só para poder sair dali. Continuei, censurando-me pela fraqueza de ter sido incapaz de reprimir o instintivo sentimento de humilhação. Voltei a tentar e entrei noutra estabelecimento. Mais uma vez a vergonha venceu-me... Sem pronunciar sequer uma sílaba, desta vez vi-me na rua sem saber como».

Foi procurando como pôde. Alguns sacerdotes de Cracóvia ajudaram-no a pagar parte da dívida; mas não era suficiente e já não tinha a quem recorrer. Entrou na igreja e desabafou como pôde diante de um altar dedicado a Nossa Senhora das Dores. Já ia embora quando reparou que havia alguma coisa sobre a toalha do altar. Era uma folha de papel dobrada. Em letra clara estava escrito: «Para ti, Mãe Imaculada». Abriu-o e descobriu, surpreendido, que continha uma quantia em dinheiro, precisamente aquela de que necessitava para pagar a dívida. O guardião da comunidade permitiu-lhe ficar com ela. O primeiro obstáculo estava ultrapassado.

IMPRESSOR E REDATOR

Com uma tiragem mensal de 5000 exemplares, a revista continuou a sair com grandes dificuldades. O desinteresse religioso não a tornava atrativa e não poderia ter começado pior, com o agravamento do estado de saúde do padre Maximiliano, hospitalizado durante quase um mês, entre janeiro e fevereiro de 1922. As dificuldades económicas eram agravadas pela forte recessão que a Polónia atravessava. O papel, cada vez mais escasso, duplicava de preço num só mês. As contínuas greves reivindicativas dos trabalhadores das artes gráficas impediam a entrega pontual da revista aos leitores. Apesar de tudo, o padre Kolbe resistiu como pôde.

O ministro provincial, informado da difícil situação do *Rycerz*, considerou oportuno transferir a redação, juntamente com o padre Kolbe, para o convento de Grodno (agora em território soviético), recentemente recuperado. Na ata da visita incluem-se os motivos e as intenções: «Dispor de um local mais apropriado, de maior disponibilidade de tempo e de mais facilidades para as impressões; talvez se pudesse conseguir abrir naquele convento, em conjunto com outros, uma tipografia nossa... Porque a impressão nas tipografias correntes, perante as pretensões enormemente exageradas dos impressores, está a tornar-se quase impossível nos nossos dias».

A 20 de outubro daquele mesmo ano, o padre Kolbe já se encontrava em Grodno. A comunidade era formada por quatro sacerdotes e cinco

irmãos. O trabalho pastoral consistia na assistência religiosa às escolas e aos doentes das redondezas e numa ou noutra missão nas povoações vizinhas, bem como no sacramento da penitência, que os mantinha ocupados durante muitas horas.

Com a ajuda dos irmãos, em apenas três anos o convento transformou-se em oficinas gráficas e o padre Maximiliano viu-se convertido em impressor, redator-chefe e jornalista, dando provas de excelentes capacidades de trabalho e de organização. O conselho de redação era formado por vários religiosos da província, entre eles o seu irmão Afonso, mas nenhum residia em Grodno, o que obrigava o padre Kolbe a manter com eles uma correspondência frequente.

A primeira máquina tipográfica, que funcionava manualmente, foi adquirida em novembro de 1922, com a ajuda de um generoso donativo de 100 dólares oferecido por um ministro provincial conventual norte-americano.

Confiando plenamente na Providência, o padre Kolbe reinvestia as receitas e os donativos na aquisição de mais material e de novas máquinas para melhorar a edição do *Rycerz*, cuja tiragem começou a aumentar a partir de março de 1924, passando de 5000 para 60000 exemplares em apenas três anos.

Apesar de dizer que não tinha tempo para cuidar da saúde, não teve outro remédio senão regressar a Zakopane, onde esteve internado durante mais de seis meses, entre setembro de 1926 e abril de 1927. Entretanto, o seu irmão Afonso encarregou-se da redação, embora fosse ele quem continuava a dirigir a revista a partir do sanatório. Até que o provincial voltou a intervir, proibindo-lhe qualquer atividade relacionada com ela. A partir daquele momento, deixou tudo nas mãos da Imaculada.

UMA CIDADE PARA A IMACULADA

O convento de Grodno tornou-se pequeno. Os fardos de papel e as máquinas de pressa ocuparam tudo, até os corredores. Por outro lado, já há algum tempo que muitos jovens batiam à porta, pedindo para serem

admitidos na Ordem, atraídos por aquela nova forma de vida religiosa e franciscana. Existia também o inconveniente da dependência da editora relativamente à comunidade, na qual nem todos os seus membros estavam empenhados.

Na província, em geral, via-se com bons olhos aquela nova forma de evangelização, embora alguns pensassem que, uma vez saneada a situação económica, a editora deveria estabilizar-se e destinar parte das suas receitas a outros fins igualmente legítimos. Mas o padre Kolbe opôs-se terminantemente a tais projetos. A editora, na sua opinião, devia crescer até que não restasse ninguém, nem no presente nem no futuro, que não fosse conquistado para a Imaculada.

Primeiro pensou-se construir ali mesmo um complexo editorial, separado do convento; mas a má localização do convento relativamente ao caminho de ferro constituía um sério inconveniente. O lugar ideal parecia situar-se nas proximidades de Varsóvia. Para lá se dirigiu o padre Kolbe e depressa encontrou aquilo que procurava: uns terrenos junto da estação de Szymanów, na linha férrea de Varsóvia a Poznań, a 42 quilómetros da capital, propriedade do príncipe João Drucki Lubecki.

A 16 de junho de 1927, antes mesmo de se chegar a um acordo definitivo, foi colocada no lugar escolhido uma imagem da Imaculada, que foi benzida pelo pároco local. O capítulo provincial rejeitou as condições impostas pelo príncipe para a cedência do terreno. Felizmente, este retirou as suas pretensões e cedeu o terreno aos frades sem qualquer compromisso. O padre Kolbe, seguindo o exemplo de São Francisco, não quis a propriedade do lugar, para que nele resplandecesse ainda mais a pobreza evangélica, sobre a qual quis edificar, desde os alicerces, aquilo que viria a ser o maior complexo editorial da Polónia.

Os começos foram muito duros. Em outubro, com a ajuda dos habitantes do lugar, construiu-se a capela. O frio e a neve não impediram que os trabalhos avançassem rapidamente, de modo que, a 7 de dezembro, véspera da Imaculada Conceição, o ministro provincial benzeu o novo convento, que recebeu o nome de *Niepokalanów*, que significa «Cidade da Imaculada», mas com um sentido de propriedade ou pertença.

O padre Kolbe foi nomeado guardião da nova comunidade, à qual se juntou o seu irmão Afonso. Uma nova etapa se abre para a Milícia da Imaculada.

Enquanto Niepokalanów cresce rapidamente, o padre Kolbe sonha com aquilo que deve ser aquele projeto em marcha; e assim o descreve ao provincial: «A nossa comunidade tem uma maneira de viver algo heroica, como deve ser Niepokalanów, se quiser alcançar o objetivo que se propôs, isto é: não só defender a fé e contribuir para a salvação das almas, mas também conquistar para a Imaculada, com uma corajosa ofensiva, sem pensarmos absolutamente nada em nós próprios, todas as almas, uma por uma, posição após posição, hasteando a sua bandeira sobre as casas editoriais dos jornais, da imprensa periódica, sobre as antenas de rádio, sobre as instituições artísticas e literárias, sobre os teatros e as salas de cinema, sobre os parlamentos, sobre os senados; numa palavra: em toda a parte, por toda a terra e, além disso, vigiar para que ninguém possa jamais retirar essas bandeiras».

A pobreza evangélica segundo o espírito de São Francisco era um dos segredos do êxito de Niepokalanów. Aos que, em número crescente, pediam para ser admitidos, advertia-se expressamente que ali se vivia com grandes privações e se trabalhava arduamente pela Imaculada. «Nenhum homem — testemunha o seu provincial — procura com tanta avidez a comodidade como o padre Kolbe amou a pobreza». Pobreza e simplicidade refletiam-se à primeira vista nas construções, nos móveis ou nos utensílios, de acordo com a vontade do fundador de Niepokalanów, que exortava os irmãos deste modo: «Que as nossas casas sejam tão pobres que, se São Francisco voltasse, pudesse habitar nelas. Todo o dinheiro que seria necessário para construir casas mais cómodas deve ser utilizado e investido para santificar as almas e alcançar quanto antes os fins da M.I.».

São Francisco fundamentava a sua pobreza no facto de Cristo e a sua Santíssima Mãe terem sido pobres neste mundo. A pobreza de Niepokalanów tem o mesmo fundamento evangélico: «Um membro de Niepokalanów, para imitar a Imaculada tal como ela imitou Jesus, limita as suas próprias necessidades pessoais ao estritamente necessário, sem procurar comodidades nem divertimentos, mas servindo-se de tudo apenas

na medida em que lhe seja necessário para conquistar quanto antes o mundo inteiro e todas as almas para a Imaculada».

À CONQUISTA DO ORIENTE

O padre Kolbe não conhecia outros limites além daqueles impostos pela vontade de Deus, manifestada sempre através da Imaculada. Com tais horizontes, uma vez posto em marcha Niepokalanów, era necessário abrir novos caminhos para tornar efetiva a conquista do mundo inteiro para a Imaculada.

Alguma influência teve a nomeação que recebeu no Capítulo provincial de 1927, como procurador provincial da Cruzada Missionária Franciscana, organizada pela Ordem Franciscana Conventual num período de rápida expansão material e espiritual. A sua principal atuação nessa qualidade foi a abertura, em Niepokalanów, de um seminário missionário, que começou a funcionar em 1929 com 33 seminaristas. A partir daquele momento, era necessário procurar lugares de missão para os futuros missionários. Assim se foi abrindo caminho, no espírito do padre Kolbe, o projeto de uma viagem pelo Oriente. Por outro lado, não faz também parte da vocação franciscana o carisma missionário? «A partir do momento em que somos filhos de São Francisco, também devemos ser missionários como ele», costumava dizer.

Não precisou de pensar muito. Em janeiro de 1930, pôs-se a caminho de Roma com quatro irmãos, para se entrevistar com o procurador da Ordem para as missões e com o ministro geral. Também aqui não perdeu tempo: «A viagem a Roma — escreve a partir de Assis — empreendi-a, antes de mais, para me inteirar das possibilidades reais de publicar o *Rycerz* em chinês, japonês e hindu. No colégio de “*Propaganda Fide*”, os naturais daqueles respetivos países já estão a preparar o número de maio e o Rev.mo P. Geral (Afonso Orlini) deu-me a sua aprovação para começar a imprimir o *Rycerz* e fundar as “Niepokalanów” na China e no Japão. Por isso, por volta do final de fevereiro, partirei com os irmãos para aqueles países, a fim de começar o *Rycerz*».

Regressou à Polónia para preparar a bagagem, não sem antes passar por diversos santuários: Assis, Pádua, Lourdes, Paris, Lisieux. Depois, sem sequer se despedir da mãe, partiu para Marselha, onde embarcou a 7 de março, com os quatro irmãos que o acompanhavam, rumo a Xangai, com escala em Port Said, Djibuti, Colombo, Singapura, Saigão e Hong Kong. Em cada porto, o padre Kolbe dirigia-se ao bispo do lugar, para lhe expor os seus projetos e sondar as possibilidades para a revista. Recebeu ofertas e promessas interessantes, mas encontrou também uma grande dificuldade, especialmente na China, onde as missões eram territorialmente repartidas pelas ordens religiosas. Ali, os conventuais tinham a seu cargo a província de Shensi, pouco desenvolvida e mal comunicada, pouco adequada a um apostolado do tipo de Niepokalanów. Em Xangai permitiam-lhes ter a redação da revista, mas não a editora, com a condição, além disso, de que houvesse um sacerdote entre eles. O padre Kolbe, que pensava regressar à Polónia depois de instalados os irmãos, dois na China e dois no Japão, começou a considerar a possibilidade de prolongar a sua permanência.

A 24 de abril desembarcou em Nagasáqui, cujo bispo, natural do Japão, tinha visitado recentemente o ministro geral conventual em Roma, tendo em vista uma possível missão. Nagasáqui, terra de mártires, era a cidade com maior número de católicos do país, quase 80 por cento do total. Tinha um seminário florescente onde se preparavam aspirantes ao sacerdócio de todo o Japão. Chegou no momento oportuno, pois o bispo procurava um professor de filosofia para o seminário. Tudo se tornou fácil ali. Em pouco tempo, sem conhecerem a língua nem os costumes, ajudados pelos seminaristas, o padre Kolbe e os irmãos Hilário e Zenão alugaram um local, compraram uma máquina de imprimir e começaram a editar o primeiro número do *Rycerz* em japonês com o título: *Seibo no Kishi (O Cavaleiro da Imaculada)*. A 24 de maio recebiam em Niepokalanów um telegrama: «Hoje distribuímos o *Rycerz* em japonês. Temos tipografia. Glória à Imaculada!». Foram editados 100 000 exemplares.

A imaginação do padre Kolbe não descansava. A viagem pelo Oriente tinha-lhe feito descobrir todo um mundo alheio à boa nova do Evangelho que devia ser conquistado para Cristo. Estes eram os seus propósitos: «Gostaria de abrir imediatamente uma posição mais consistente na Índia (para todas as línguas da Índia) e em Beirute para a língua árabe (Arábia,

Síria, Egito, Tunísia, Marrocos: cem milhões de almas), turca, persa, hebraica... Deste modo, a ação do *Rycerz* e da M.I. abrangeria mais de mil milhões de pessoas, o que significaria mais de metade da humanidade. De qualquer modo, que a Imaculada o dirija por si mesma como quiser. O meu único receio é que, no que me diz respeito, deixe de cumprir alguma coisa daquilo que é meu dever».

O JARDIM JAPONÊS

O dever obrigou o padre Maximiliano a regressar à Polónia naquele mesmo verão de 1930. Queria que o capítulo enviasse três sacerdotes para as novas missões de Xangai e Nagasáqui, mas apenas conseguiu a aprovação da fundação japonesa e a sua nomeação como guardião da mesma. O seu irmão Afonso ficou à frente de Niepokalanów, embora por pouco tempo, pois faleceu alguns meses mais tarde, devido a uma peritonite aguda.

Durante seis anos permaneceu no Japão o padre Kolbe. Foram anos duros por causa da língua e das dificuldades económicas, mas vividos com uma grande confiança e uma firme vontade de colocar aquele país, quanto antes, aos pés da Imaculada.

A nova Niepokalanów japonesa foi inaugurada em maio de 1931 com o nome de *Mugenzai no Sono* (Jardim da Imaculada), nos arredores de Nagasáqui, atrás de uma colina que viria a revelar-se providencial quando, mais tarde, a cidade foi arrasada pela bomba atómica.

Deste período japonês do padre Kolbe poder-se-iam dizer muitíssimas coisas, mas limitar-nos-emos às mais significativas: a revista, por exemplo, atingiu os 65 000 exemplares em 1934. Número respeitável se tivermos em conta que os católicos no Japão eram apenas cem mil. Explica-se porque muitos leitores eram protestantes, budistas e não crentes, entre os quais se davam frequentes casos de conversão.

O segredo do êxito imediato dos franciscanos conventuais no Japão residia no seu testemunho de castidade e pobreza. Os japoneses admiravam a pureza de Maria Imaculada e dos seus missionários. Do mesmo modo, a

população japonesa maravilhava-se com a extrema pobreza em que viviam, de tal maneira que até os não crentes lhes davam esmola de boa vontade. O convento não passava de um amplo barracão de madeira e argila, substituído mais tarde por um edifício de dois pisos, ao qual se acrescentou, em 1936, o pequeno seminário destinado a acolher as primeiras vocações nativas. Nesse mesmo ano, a comunidade era formada por dois sacerdotes, 18 irmãos polacos, um estudante de teologia também polaco, quatro irmãos nativos e dezoito seminaristas japoneses e coreanos.

O padre Maximiliano Kolbe resumia a sua atividade no Japão com estas palavras: «O nosso trabalho aqui é muito simples: trabalhar arduamente todo o dia, matar-se a trabalhar, ser considerado pouco menos que louco pelos nossos e, esgotado, morrer pela Imaculada». O padre Kolbe faz uma referência velada a um religioso neurasténico que vivia com ele em Nagasáqui e que criticou muito duramente a sua devoção mariana, chegando ao extremo de o denunciar aos superiores maiores da Ordem. O trabalho excessivo debilitou ainda mais a sua frágil saúde. O seu maior consolo continuava a ser Maria, sua diretora espiritual. Foi aqui que viveu uma experiência singular, apenas vagamente insinuada aos irmãos de Niepokalanów.

O CÂNTICO DOS MOTORES

Era 10 de janeiro de 1937. Desde o ano anterior, voltara a ser guardião de Niepokalanów. O capítulo provincial não lhe permitiu regressar ao Japão por causa da sua saúde. Os irmãos e estudantes tinham preparado, para aquele dia, uma representação natalícia depois do jantar. Mas o padre Kolbe, que sentia um enorme desejo de abrir o coração aos seus, reuniu-se à parte com os mais antigos da comunidade, em redor de uma mesa do refeitório. As suas palavras soavam a despedida: «Queridos filhos..., agora estou convosco. Vós amais-me e eu amo-vos. Eu morrerei e vós permanecereis aqui. Antes de abandonar este mundo quero deixar-vos uma recordação... Vós chamais-me padre guardião, e sou-o. Chamais-me padre diretor, e dizeis bem, porque o sou no convento e na tipografia. Mas que mais sou eu? Eu sou vosso pai, mais verdadeiramente do que o vosso pai segundo a carne... porque, por meu intermédio, recebestes essa vida espiritual que é vida divina e essa vocação religiosa que transcende a

própria vida temporal... Não vos dirijais, pois, a mim como guardião ou diretor, mas apenas como pai. Certamente tereis reparado que vos trato sempre por tu, e isso porque um pai não se dirige ao filho senão com o tu da intimidade».

Não sabia como continuar. Baixou os olhos e a cabeça, profundamente emocionado. Por fim, depois de um denso silêncio, voltou a falar: «Queridos filhos: como me sinto feliz! O coração transborda-me de felicidade e de paz... tanta quanta se pode experimentar aqui em baixo. Apesar das contrariedades da vida, no mais profundo do meu coração domina sempre uma calma inefável. Filhos queridos: amai a Imaculada!, amai-a e ela vos fará felizes!...»

Depois deteve-se novamente. Hesitando, acrescentou: «Gostaria de vos dizer mais alguma coisa, mas não será isto suficiente?». Os irmãos animavam-no a continuar a falar. «Está bem — exclamou por fim —, vou dizer-vos. Disse-vos que sou muito feliz e que transbordo de alegria porque, com toda a certeza, me foi dada a segurança do céu. Filhos meus queridos: amai a Virgem, amai-a quanto puderdes e souberdes!... Tudo quanto vos disse aconteceu no Japão. Não vos direi mais».

Os irmãos pensaram que nunca mais voltariam a ter com ele uma última ceia semelhante. Muito deve ter custado ao padre Kolbe abrir o coração aos irmãos. Não era pessoa que partilhasse de bom grado as suas experiências mais íntimas; mas esta era demasiado intensa para poder calá-la.

Vem-nos à memória Francisco de Assis, cego e gravemente doente, junto do mosteiro de São Damião, dois anos antes da sua morte, quando o Senhor, certa noite, lhe assegurou a salvação. Francisco levantou-se imediatamente, de madrugada, para compor um cântico com o qual convidava todas as criaturas a unirem-se a ele num sublime louvor, assombro de muitas gerações. O padre Kolbe não era poeta; no entanto, também compôs, à sua maneira, um novo cântico, diferente, mas não menos sublime, feito do matraquear das máquinas e do zumbido dos motores, dos apitos das locomotivas, das buzinas dos camiões e das campainhas das bicicletas. Era o trabalho dos homens e o ruído das máquinas cantando a uma só voz: Ave-Maria!

O padre Kolbe consegue a plena reconciliação dos progressos da técnica e da ciência e, em última análise, de todo o progresso humano, com a fé num Deus Criador e Salvador, amante dos homens que, como Ele, trabalham e criam, submetendo a terra para a colocar aos pés de Jesus Cristo, Senhor e Rei do universo, por meio da Imaculada:

«Quando alguém é um bom religioso — explicava numa conferência — realiza o melhor que pode o trabalho que lhe é exigido; do mesmo modo, este “jovem irmão motor” trabalhará melhor se funcionar segundo os desejos dos mecânicos, instrumentos da Imaculada. Se a Imaculada o desejar, amanhã mesmo avariar-se-á; e, se ela quiser, trabalhará durante um século e, ao seu lado, serão instalados novos motores ainda mais potentes. Em qualquer caso, cumpra-se a vontade da Imaculada... Portanto, “frei motor”, desejo-te que cumpras o mais perfeitamente possível a vontade da Imaculada». O padre Kolbe referia-se a «frei Ursus», um motor de cem cavalos de potência, considerado o protótipo dos motores-servos da Imaculada.

O VERDADEIRO PROGRESSO

«Nós, os religiosos — dizia o padre Kolbe —, podemos viver em barracas, com roupa remendada, alimentando-nos modestamente, mas as nossas máquinas tipográficas, que servem para difundir a glória de Deus, devem ser as melhores e do último modelo».

De acordo com esta máxima, Niepokalanów continuou a crescer. A revista mensal *Rycerz Niepokalanej* atingiu, em 1938, o número recorde de um milhão de exemplares. Ao seu lado apareceram outras publicações, como o *Rycczyk* (*O Pequeno Cavaleiro*), com 180 000 exemplares por mês, e outras de menor dimensão. Em 1935 saiu para a rua o *Maly Dziennik* (*Diário de Notícias*), que, pelo seu baixo preço, teve grande aceitação, atingindo os 300 000 exemplares em pouco tempo. Foram necessárias novas construções e mais maquinaria. Foi preciso arranjar espaço para os 13 sacerdotes, 622 irmãos e 137 seminaristas que viviam em Niepokalanów no ano de 1939. Uma autêntica cidade de 722 habitantes. O maior convento do mundo.

O segredo de Niepokalanów estava na disciplina. O amor à obediência e à pobreza franciscanas estava a dar os seus frutos. A comunidade era uma só, com um único guardião ou diretor (o padre Kolbe). A organização distribuía-se por uma Direção-geral e doze direções particulares; umas relativas à M.I. nacional, internacional e interna, outras à economia doméstica e outras ao trabalho e manutenção do complexo (Produção, Reprodução, Expedição, Técnica, Construção, Transporte e Segurança).

Trabalhava-se em turnos de dia e de noite, organizou-se um serviço de bombeiros e um departamento dedicava-se a projetar o futuro. Em 1938 entrou em funcionamento uma estação de rádio. Em Varsóvia, dois irmãos aprendiam a pilotar pequenos aviões, tendo em vista uma maior rapidez na expedição...

Mas Niepokalanów não deixava de ser, acima de tudo, uma fraternidade franciscana. Em sintonia com São Francisco, que nos deixou uma sublime lição sobre as Bem-aventuranças ao ditar ao irmão Leão a parábola da Verdadeira Alegria, também o padre Kolbe nos deixou bem traçado em que consiste o verdadeiro progresso:

«Diz o Senhor no Evangelho: “De que serve ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” De que serviria, pois, ver o mundo inteiro alistado na M.I., se prejudicássemos a nossa alma? Niepokalanów não são os edifícios, nem as máquinas, nem as revistas. Niepokalanów são as nossas almas, a alma de cada um de nós. Portanto, o verdadeiro progresso de Niepokalanów reside no nosso crescimento no amor de Deus; em aproximarmo-nos constantemente do Coração de Jesus através da Imaculada. Ainda que tivesse de ficar reduzida ao que é agora, se nos aproximarmos cada vez mais da Imaculada, então poder-se-á dizer que Niepokalanów progride. Mais ainda: se fôssemos dispersos por todas as partes do mundo como as folhas no outono, e cada um fosse obrigado a fugir sem hábito, se apesar disso aumentar o amor nas nossas almas, isso sim é verdadeiro progresso».

O padre Kolbe pressentia a catástrofe que se aproximava; por isso instruía os irmãos para as circunstâncias futuras: «Poderão vir dias em que cada um de nós se encontrará isolado; por isso devemos preparar-nos para sermos, cada um, superior de nós próprios». E acrescentava também:

«Poderão vir tempos em que eu não esteja convosco... Poderão vir perseguições e guerras... A guerra está mais próxima do que se possa prever... Quando a guerra rebentar, virá a dispersão. Não devemos entristecer-nos, mas conformar-nos firmemente com a vontade da Imaculada».

A guerra rebentou, efetivamente, em setembro de 1939. Hitler invadiu e ocupou a Polónia num ataque-relâmpago. A 5 de setembro, os frades interromperam toda a atividade e começaram a evacuação de Niepokalanów. Ficaram apenas cerca de quarenta religiosos, com o padre Kolbe à frente. Os alemães chegaram no dia 13 e, no dia 16, prenderam-nos a todos. Muitas máquinas foram confiscadas e todo o complexo ficou devastado.

UM HOMEM SERENO

Todos quantos estiveram com ele nos momentos mais trágicos da sua vida testemunham que o padre Maximiliano Kolbe nunca perdeu a serenidade. Transferido para o campo de detenção de Amtitz, «o seu rosto sempre sorridente» animava os irmãos: «Fomos trazidos para aqui gratuitamente — dizia-lhes —, temos uma barraca onde nos abrigarmos e não nos falta um pedaço de pão. Os outros não sabem resignar-se, desanimam e blasfemam; mas, vendo-nos a nós e a nossa atitude resignada, tornar-se-ão necessariamente melhores. Se tivéssemos querido vir para aqui fazer apostolado, quem sabe quantos documentos teriam sido necessários; e, mesmo assim, não o teriam permitido. Aproveitemos esta graça que a Imaculada nos concede».

A festa da Imaculada puderam celebrá-la em Niepokalanów, depois de terem passado por três campos de prisioneiros. Muitos irmãos dispersos regressaram, chegando, no final de 1940, ao número de 350. Como não lhes era permitido o trabalho editorial, colocaram as suas oficinas e o seu trabalho ao serviço dos habitantes da região. Durante os primeiros meses de 1940, Niepokalanów esteve ocupado, na sua maior parte, por dois mil polacos e mil e quinhentos judeus deportados pelos alemães. O padre Kolbe nunca permitiu a mínima discriminação contra os judeus e convidava os irmãos a tratá-los com amor.

Em dezembro desse mesmo ano, depois de muita insistência, foram autorizados a publicar um número do *Rycerz*. São interessantes as cartas que o padre Kolbe dirigiu ao oficial alemão do distrito, solicitando a autorização. «Quero sublinhar — diz numa delas — que não sinto ódio por ninguém neste mundo. A essência do meu ideal encontra-se nas revistas que lhe envio. Aquilo que delas transparece é meu. Por este ideal desejo trabalhar, sofrer, até sacrificar a minha vida. Para se convencer pessoalmente de que no convento não reina uma atmosfera de ódio contra ninguém, o melhor será vir visitar-nos, ainda que acompanhado pelo senhor comissário da polícia».

O ardor evangelizador do padre Kolbe levou-o a tentar por todos os meios — sem o conseguir — a publicação do *Rycerz* em alemão para os soldados nazis.

A 17 de fevereiro de 1941 foi preso pela Gestapo e conduzido à prisão de Pawiak, em Varsóvia. Ali foi duramente espancado pelo seu carcereiro, apenas pelo facto de usar o hábito e o cordão franciscano com o crucifixo. Mas ele manteve-se imperturbável e esforçou-se ainda por acalmar os seus dois companheiros de cela, mais indignados do que ele. Certamente, como diz Paulo VI, «a figura tranquila e extenuada de Maximiliano Kolbe, homem tranquilo e sempre piedoso, inclinado a uma confiança paradoxal e também razoável, torna-se, talvez, o ponto mais luminoso dessa horrorosa página da história que foi a Segunda Guerra Mundial».

No final de maio foi finalmente transferido para o campo de concentração de Auschwitz. Durante a viagem, num comboio de mercadorias com várias centenas de prisioneiros, embora não sentisse aversão nem ódio pelos ocupantes, como polaco que era, esforçou-se por manter elevado o ânimo dos seus compatriotas com cânticos religiosos e nacionais. Já no seu destino, exortava-os a não se renderem com estas palavras: «Nós, os prisioneiros, somos diferentes dos nossos perseguidores, que nunca poderão matar a nossa dignidade de católicos e de polacos. Não nos renderemos. Morreremos puros e tranquilos, dóceis aos planos de Deus».

Os seus companheiros de prisão descrevem-no como um homem tranquilo e modesto, cheio de serenidade e de paz. A sua mansidão

enervava os guardas, que, por isso, faziam dele alvo das suas iras, humilhando-o e esmagando-o nos trabalhos forçados.

Devido à sua doença pulmonar, esteve internado no hospital de doenças infecciosas do campo. Os médicos e enfermeiros admiravam-no, porque suportava tudo com coragem e resignação. Na consulta médica dava sempre preferência a outros doentes, alegando que precisavam mais do que ele.

Nunca deixou de ter uma palavra de ânimo, um gesto de consolo e um sorriso para quantos se aproximavam dele. De noite, muitos arriscavam-se a aproximar-se dele, para receberem o perdão dos seus pecados das mãos daquele sacerdote que tinha fama de levantar o ânimo dos que estavam à beira do desespero no meio daquele inferno. A fonte da paz que irradiava à sua volta já a conhecemos. Alguns meses antes de morrer tinha escrito: «Nós proclamamos que, através da Imaculada, tudo podemos. Demonstremo-lo com a ação. Depositemos nela a nossa confiança e caminhemos pela vida tranquilos e com serenidade». Aí residia o segredo da sua serenidade contagiante. Por isso, quantos se aproximavam dele experimentavam uma sensação de paz como nunca antes tinham sentido. A sua presença em Auschwitz foi como um poderoso raio de luz e de esperança.

SÓ O AMOR É CRIATIVO E DÁ PAZ

O padre Maximiliano Kolbe, que aconselhava sempre a não fazer nada precipitadamente, mas somente depois de se ter adquirido a serenidade suficiente e de se confiar à vontade de Deus e da Imaculada, deve ter procedido assim naquela quente tarde de finais de julho de 1941, quando se ofereceu para morrer em lugar de outro prisioneiro. Quando deu o passo em frente, não pensava apenas naquele pobre pai de família, mas também nos outros nove, injustamente condenados a morrer, lentamente, de fome e de sede. Também eles precisavam de ser salvos, curados de tantas feridas e reconciliados antes da morte.

Durante duas semanas, alguma coisa mudou em Auschwitz: pela primeira vez não houve gritos de desespero, nem se ouviram blasfémias ou ameaças nas caves do *bunker* da fome. O que ali aconteceu sabemo-lo por

uma testemunha excepcional, um polaco que servia de intérprete entre os condenados e os guardas alemães. Eis parte do seu relato:

«Da cela onde estavam aqueles infelizes ouviam-se todos os dias as orações recitadas em voz alta, o rosário e os cânticos religiosos, aos quais se juntavam também os prisioneiros das outras celas. Nos momentos em que os guardas se ausentavam, eu descia ao *bunker* para conversar e consolar os companheiros. As fervorosas orações e os hinos à Virgem espalhavam-se por toda a cave. Parecia-me estar numa igreja. O padre Kolbe começava e os outros respondiam. Algumas vezes estavam tão mergulhados na oração que não se apercebiam da chegada dos guardas... O padre Kolbe comportava-se heroicamente; nada pedia, de nada se queixava, animava os outros».

É possível que, na mente do padre Maximiliano, ressoassem aquelas palavras escritas por ele próprio anos antes: «Quanta paz e autêntica felicidade infunde num religioso a convicção de que cumpre seguramente a vontade de Deus, de ser seguramente um instrumento nas mãos da Imaculada... Enfim, quão doce será a sua morte; de quanta serenidade e de quanta doçura encherá o seu coração a consciência de que em tudo cumpriu única e exclusivamente a vontade de Deus e a vontade da Imaculada...»

O sacrifício consumou-se a 14 de agosto. Uma injeção de ácido fénico pôs fim à penosa agonia dos quatro prisioneiros que ainda permaneciam vivos, entre eles o padre Kolbe. Morreu sentado, apoiado contra a parede, com os olhos abertos e a cabeça reclinada sobre o braço esquerdo. O seu rosto estava resplandecente e refletia paz e serenidade. No dia seguinte, solenidade da Assunção de Maria, o seu corpo foi incinerado num forno crematório, como um holocausto agradável a Deus, e as suas cinzas espalhadas pela terra.

Os guardas diziam entre si: «Este homem era um cavalheiro. Até agora nunca vimos nada semelhante». Foi o único caso que se verificou e provocou a consternação das autoridades do campo e a admiração e o respeito dos companheiros. Depois, durante meses, em cada nova execução recordava-se o nome do padre Kolbe, o homem que acreditou na força do amor acima de tudo. Porque, como ele gostava de repetir: «O ódio não é

uma força criativa», «o ódio divide, separa e destrói»; pelo contrário, «o amor é uma força criativa», «o amor une, dá paz e edifica».